

A MISERICÓRDIA NOS PROFETAS

*Luiz Alexandre Solano Rossi**

Resumo

A leitura dos profetas nos leva a enxergar a vida a partir de valores diferentes daqueles que imperavam em muitos lugares ao seu redor. O olhar deles estava centrado na justiça, na virtude e na constância da solidariedade, ou seja, numa organização que transcendia aos desejos pessoais e corporativos. Eles faziam um radical chamado ao povo de Deus para que vivesse sua vida, tanto pessoal quanto coletiva, em consonância com os objetivos de propiciar justiça, fraternidade, solidariedade e misericórdia. Talvez seja possível afirmar que os profetas propunham uma nova forma de adoração (ou retorno) que era fundamentada na prática da justiça e no restabelecimento do direito dos pobres e explorados. Nos profetas encontramos o desmascaramento da violência e da superficialidade do sistema religioso e a declaração de qual rito é de fato agradável a Deus, ou seja, a prática da solidariedade.

Palavras-chave: *Profetas. Misericórdia. Justiça. Direito.*

Abstract

The reading of the prophets takes us, makes us see life according to values different from the ones which prevailed in many places around. Their view was centered in justice, in the virtue and constancy of the solidarity, in other words, in an organization that transcended the personal and corporate desires. They used to have a radical calling to the people of God so that they lived their lives, both personal and collective, in accord with the objectives of providing justice, fraternity, solidarity and mercy. Maybe it is possible to affirm that the prophets proposed a new way of adoration (or returning) that was based on the practice of justice and the reestablishment of the right of the poor and explored ones. In the prophets, we find the

* Professor no Mestrado e Doutorado em Teologia da PUCPR. Pós-doutor em História Antiga (UNICAMP) e em Teologia (Fuller Theological Seminary).

unmasking of violence and superficiality of the religious system and the declaration of which ritual is indeed pleasing to God, in other words, the practice of solidarity.

Keywords: *Prophets. Mercy. Justice. Right.*

1. Introdução

Misericórdia não é uma palavra fácil de acrescentar ao vocabulário. Ela está muito além da mera memorização. Misericórdia se apresenta como uma palavra que somente faz sentido se conjugada com a prática no cotidiano. E, por isso, exige atitude, é sempre algo mais do que um simples discurso. Na verdade, as pessoas já não querem mais nossas palavras; elas desejam pessoas que sejam sinal eficaz do agir de Deus. O Novo Testamento nos lembra que pelos frutos seremos conhecidos e não pelos nossos belos discursos (Lc 6,43-45). Somente se em nossa prática refletirmos a ação de Deus é que poderemos ser considerados eficazes. Muitos discursos possuem uma bela estrutura, mas não apresentam conteúdo. Claro está que a misericórdia não é algo que se inicia e finaliza em Deus; não é algo exclusivo de Deus e limitado a apenas sua ação. Não somente Deus age de forma misericordiosa. A misericórdia há de se tornar o critério por excelência para indicar quem são os verdadeiros filhos de Deus assim como também o critério de credibilidade da nossa fé. Stöger¹ sintetiza muito bem: “É misericordioso aquele que se deixa afetar pela miséria do homem, aquele que está aberto à necessidade alheia e presta ajuda onde se encontra alguém oprimido por um peso”.

Não é possível compreender a misericórdia de Deus de forma fluida. Vale mais refletir a misericórdia expressa em gestos concretos e sempre prevalecendo sobre um possível ideário de destruição. Portanto, não é uma ideia abstrata, mas, sim, incrustada na história e, na história, junto àqueles que sofrem. A misericórdia se insere no cotidiano e, a partir do cotidiano, revela a face de Deus. Por isso, o refrão do Salmo 136 – “eterna é a sua misericórdia” – que acompanha a narração da história da revelação de Deus na vida do povo do Antigo Testamento, é um convite para integrarmos a misericórdia de Deus também em nossa história.

A fim de aproximar a discussão do cotidiano, aponto para uma pergunta de ordem concreta: Como gerar misericórdia numa sociedade que respira violência? Como construir espaços coletivos de vida se somos mais ágeis na arte de condenar e criticar as pessoas do que na arte da misericórdia? Até parece que falta espaço para prática da misericórdia em nossa agenda.

1. STÖGER, A. *El Evangelio segun Lucas*. Barcelona: Herder, 1979, v. 1, p. 198.

2. O chamado à conversão

A única possível resposta à pergunta que posso encontrar na literatura bíblica pode ser resumida numa expressão: conversão. De uma cultura de violência e de agressões deveríamos nos converter a uma cultura de misericórdia. Porém, é necessária certa atenção: toda conversão deveria ser vista, simultaneamente, como pessoal e comunitária. É possível dizer que foram especialmente os profetas que convocaram o povo de Deus à conversão. Ao lermos Amós 5,14-15, Isaías 1,16-17 e Oseias 10,12 e 12,7 ficamos com a nítida impressão de que a conversão não se limitava à esfera privada. Nota-se que a percepção que conduz a palavra profética é coletiva. Não há uma customização da palavra profética e, por isso, não se visa o bem do indivíduo pelo indivíduo como se o indivíduo fosse um fim em si mesmo. Pode-se dizer que os profetas levam a uma descentralização dos espaços. Ao romper com os limites da esfera privada, a conversão nos leva a uma decisão que tem implicações políticas e econômicas. Talvez pudéssemos dizer que a fé possui uma função e dimensão pública. Afinal, não somos chamados a viver dentro de quatro paredes e, dessa forma, isolados de tudo e de todos. O espaço por excelência do exercício da fé se encontra na realidade do cotidiano. É na complexidade do cotidiano que a vida é decidida seja pelo lado dos fortes, seja pelo lado dos fracos.

Os profetas acreditavam que tudo na vida, inclusive as instituições públicas, poderiam ser orientadas de tal forma que servissem aos objetivos de Deus, com quem Israel havia selado uma aliança. Todavia, ainda que antecipadamente, anoto que é necessário desconfiar de uma aliança apenas circunscrita pelo ritual. Nos profetas o ritual se apresenta como ato segundo, não porque não tenha importância, mas, sim, porque a primazia do primeiro lugar é dedicada à vida e à sua proteção.

A vida transformada de Israel, diferentemente dos valores que imperavam ao seu redor, centrava-se na justiça, na virtude e na constância da solidariedade, ou seja, numa organização que transcendia aos desejos pessoais e corporativos. Os profetas faziam um radical chamado ao povo de Deus para que vivesse sua vida, tanto pessoal quanto coletiva, em consonância com os objetivos de propiciar justiça, fraternidade, solidariedade e misericórdia.

Um profeta posterior aos já citados, Joel (2,12-13), faz por sua vez uma convocação radical para a conversão. No entanto, para ele não bastava mudar unicamente a aparência externa, era necessário converter o coração. Mas vale lembrar que o coração não deve ser interpretado simplesmente como uma experiência interior. Na Bíblia, o coração representa o órgão responsável por tomar decisões e de determinar a orientação da vida. O profeta Joel refuta, portanto, uma mudança meramente externa (as vestes) quanto a uma mudança meramente interna que não leve a nenhuma consequência visível.

Sicre² acentua que a vocação do profeta era uma relação eu-tu-eles e afirma: “O profeta não é eleito para gozar de Deus, mas para cumprir uma missão em relação ao povo”. Uma função direcionada especificamente para a sociedade. Numa experiência inserida na relação Deus, profeta e sociedade em que vive, o profeta anunciava um Deus comprometido com a história, que amava a justiça, que se apresentava como pai dos órfãos, aquele que protegia as viúvas, senhor soberano de toda a natureza e que possuía o controle da vida e da morte. Deus está presente na história para provocar nossa existência a sair de si mesma. Contrariamente ao que muitos pensam, não precisamos nos encontrar com Deus negando o mundo e a sua história. A experiência com Deus se dá, precisamente, na história. Resgata-se necessariamente a percepção de que a missão da Igreja deve ser sempre e necessariamente uma missão que busca responder às perguntas que são feitas durante o percurso da história humana.

A leitura dos profetas nos permite concluir que eles não se relacionavam com situações abstratas. Diante deles se encontrava uma série de problemas concretos: comércio fraudulento, escravidão, latifúndio, salários que eram negados aos trabalhadores, luxo, riqueza, violência, tributos, impostos, roubo e assassinato. Eles denunciavam a pobreza como um mal, como resultado da injustiça praticada pelos poderosos. Os pobres se tornavam para eles não somente sujeitos e protagonistas de uma nova sociedade como também um lugar teológico. A partir do critério utilizado pelos profetas não é possível aceitar a pobreza, a violência e a injustiça que a gera. Dessa forma, eles acabaram por demonstrar que a pobreza e a violência não eram o resultado do destino ou da vontade de Deus. Basicamente entenderam que eram consequência da ação daqueles que estavam denunciando. Não havia espaço na teologia dos profetas para aquilo que chamo de naturalização da pobreza e da violência. Penso que os textos bíblicos, em sua grande e maior extensão, para falar de Deus se expressam através da vida das pessoas levadas a viver nas periferias. Somente encontramos Deus no outro! Não se encontra e não se conhece o Deus bíblico sem a intermediação do pobre e na história do pobre.

3. O chamado à prática da misericórdia

Sendo assim, duas questões saltam em importância a fim de se refletir sobre a misericórdia nos profetas: a primeira delas é o conceito de história e o segundo o de pobre. O primeiro faz com que historicizemos a fé, ou seja, a possibilidade real de se viver a fé para dentro da história a fim de transformá-la e não a negando ou desejando ardentemente abandoná-la; a segunda nos leva a compreender que é a partir do encontro com os pobres, da solidariedade com eles e da vida construída a partir da justiça que nos humanizamos e alcançamos a salvação.

2. SICRE, J.L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 126-127.

Duas leituras chamam a atenção: Oseias 6,6: “Eu quero misericórdia e não os sacrifícios” e Provérbios 21,14: “Para Javé, a prática da justiça e do direito vale mais do que sacrifícios” podem ser lidos e harmonizados. É possível compreender que, tanto para o profeta quanto para o autor do provérbio, a mais importante é a ação que preserva a dignidade da pessoa e não possíveis atividades para Deus. A importância para ambos recai no primado da misericórdia. Observa-se, portanto, que a prática da misericórdia para o pobre é também conhecimento de Deus (o profeta Oseias apresenta a mesma chave de leitura em 4,1 (“Ouçam a palavra de Javé, filhos de Israel! Javé abre um processo contra os moradores do país, pois não há mais fidelidade, nem amor, nem conhecimento de Deus no país”), em 6,6 (“Pois eu quero amor e não sacrifícios, conhecimento de Deus mais do que holocaustos”) e em 8,2-3 (“Eles gritam: “Deus de Israel, nós te conhecemos!” No entanto, Israel recusou o bem, e o inimigo o perseguirá”).

Na crítica dos profetas “o culto se converteu em um lugar de autocomplacência e de fartura. Javé se converteu em mera função de uma empresa religiosa que é manipuladora e interessada”³. O culto deveria ser testemunha e encarnação da prática de comunhão com Javé, com o verdadeiro caráter de Javé como soberano e misericordioso. Mas o Templo e os rituais nele realizados funcionavam somente como um possível calmante para Javé. O significado dos rituais se esvaziara, perdera-se de vista o que realmente importava: amar solidariamente. Quando os profetas criticavam o que ocorria no templo e deslegitimavam os ritos sacrificais, a intenção deles era somente uma, ou seja, acabar com as injustiças sociais e econômicas. O código da aliança estava completamente esquecido, não era mais praticado. E o se importar com o próximo não estava mais em uso. Participar de um culto manipulado era o suficiente para justificar as injustiças dos poderosos. Aos olhos dos profetas havia uma íntima relação entre a injustiça e a falta de misericórdia dos poderosos e a pobreza espiritual deles. A religião dos ricos era fingida, uma máscara que escondia suas reais intenções de oprimir e roubar os pobres e fracos. Todavia, os poderosos não quiseram nem queriam compreender que um Deus apenas sedento de rituais não mais satisfazia!

4. O verdadeiro culto: Justiça e Misericórdia

Talvez seja possível afirmar que os profetas propunham uma nova forma de adoração que era fundamentada na prática da justiça e no restabelecimento do direito dos pobres e explorados. Nos profetas encontramos o desmascaramento da violência e da superficialidade do sistema religioso e a declaração de qual rito é de fato agradável a Deus, ou seja, a prática da solidariedade. É preciso insistir no fato de que, para o povo de Deus, a justiça representa tanto o problema essencial

3. BRUEGGEMANN, W. *Teología del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2007, p. 711.

da existência quanto um elemento essencial de saúde social. Ato de maldade, violência e injustiça provocam a Javé.

Gutiérrez é claro ao afirmar: “Onde há justiça e direito há conhecimento de Javé, quando aqueles faltam este está ausente [...] o Deus da revelação bíblica é conhecido através da justiça inter-humana”⁴. A equação me parece diáfana: recusamos o próprio Deus quando aceitamos e até mesmo legitimamos a desigualdade social, política e econômica. Se a presença de Deus acontece de maneira ativa e proativa em relação aos pobres, nosso encontro com Deus somente pode acontecer a partir de gestos concretos que viabilizem a solidariedade com os pobres e sua libertação. Nas diversas formas de miséria se encontra a verdadeira face de Deus.

Caminhar em direção a Jerusalém já não representava muita coisa. São passos que, ao invés de aproximarem os fiéis de Javé, distanciavam-nos. Eram caminhos que levavam para mais próximo dos templos e para mais distante dos pobres! A religião não pode ser vista a partir do conceito de neutralidade. Estamos diante de pessoas que exploravam a revelação religiosa a serviço de seus próprios interesses. Narcotizavam suas mentes de tal maneira que passavam a utilizar conscientemente a religião para justificarem suas injustiças no trato com seus semelhantes. A direção a princípio poderia ser considerada correta, mas os passos revelavam uma prática que colocava em compartimentos bem separados a religião e a vida. Nesse caminho presumiam que Javé estivesse com eles, mas na verdade não o conheciam. Não podemos nos esquecer que a prática do bem é sinal incontestável da presença de Javé. E, conseqüentemente, “ninguém pode pressupor que Deus está com ele, se não pratica o bem”⁵. E Amós nos lembra, por exemplo, que “buscar a Deus” (5,4) e “buscar o bem” (5,14) tem o mesmo significado. Trata-se, portanto, da busca constante e incansável de um estilo de vida que privilegie a defesa dos mais fracos.

Havia entre aqueles condenados pelos profetas muita religiosidade e nenhuma vida. E jamais poderíamos nos esquecer que a vida precede o culto. Em outras palavras, se o comportamento ético não melhorar a consequência inevitável seria a ausência de Javé. A acusação de fundo é justamente aquela que aponta para a discrepância entre o comportamento na vida diária e a confiança no Templo. A verdadeira religião havia sido convertida em mentira por conta das injustiças cometidas pela comunidade de adoração contra os pobres em seu meio. É necessário resgatar, segundo a percepção de Blank⁶ que “não é o culto em si que está sendo rejeitado, mas toda a ideologia que usa o culto para encobrir interesse de poder, interesses ideológicos e até interesses econômicos ou religiosos”. Nesse sentido

4. GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1973, p. 252.

5. LOPES, H.D. *Amós: um clamor pela justiça social*. São Paulo: Hagnos, 2007, p. 130.

6. BLANK, R.J. O Deus que desafia seu próprio culto. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 10, 2002, p. 47.

poder-se-ia dizer que a falsa adoração contribui para um aumento substancial do custo social. Onde falta a dimensão horizontal, a dimensão vertical é impossível. Percebe-se uma relação de anterioridade do horizontal sobre o vertical. A relação horizontal é pré-requisito para a vertical e a vertical somente subsiste a partir da emergência da horizontal. Não se trata de repudiar o sacrifício realizado nas celebrações, mas de indicar que ele é inaceitável quando a qualidade da justiça e do direito estão faltando.

O relacionamento com Javé, na perspectiva profética, não é construído a partir de um processo mágico, mas unicamente através da obediência à sua vontade, que é livre e não se prende a coisa alguma. Além disso, os profetas acrescentam que a busca que se faz por Deus no Templo não combina com as injustiças praticadas no dia a dia, isto é, eles condenam enfaticamente os sacrifícios realizados no templo, acompanhados pelas injustiças praticadas exteriormente (Is 1,10-17). O culto não combinava com a vida diária deles e, por isso, não era autêntico. A pedra de toque descoberta pelos profetas pode ser assim resumida: o comportamento diário deve ser considerado o critério para a autenticidade do culto. Certamente que para os profetas é aquilo que acontece nas ruas que profana ou não o templo. E, conseqüentemente, Amós relativiza a forma de culto que não tem seu início na “sacralização” da vida ao dizer que Javé deseja ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca. No entanto, muitos não viam a necessidade de seguir a vontade de Javé na vida diária. Era, poderíamos dizer, uma fé sem responsabilidade social ou, ainda, uma fé que buscava apenas vantagens pessoais.

Não se trata, portanto, de rezar mais ou menos. Mas de encontrar Deus e celebrar a vida no encontro com os pobres, pois “somente através deles o homem entra em contato com Deus. Ou, melhor dizendo, somente quando o homem busca a Deus por esta via indireta tem sentido buscá-lo também de forma direta”⁷. Não resta dúvida de que o conhecimento de Deus se manifesta notadamente no campo das relações entre os seres humanos. Afirmaria que o mais importante não é o culto, mas a prática da justiça! Epsztein segue na mesma linha ao afirmar que “o culto de Javé que não for acompanhado de conduta íntegra torna-se blasfêmia, induzindo os fiéis ao erro”⁸.

A percepção de Amós tinha como ponto de partida o espaço público para somente depois caminhar em direção ao espaço privado. Nesse sentido, o espaço do templo – contrapondo ao espaço público, isto é, das ruas – talvez possa ser visto no livro de Amós como uma extensão do que acontece na vida pública. Afirmo que era extensão porque o profeta não percebia a “vida das ruas” e a “vida do templo” como entidades distintas e distantes. Seriam realidades complementares

7. SICRE, *A justiça social nos profetas*, p. 401.

8. EPSZTEIN, L. *A justiça social no Antigo Oriente Próximo e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990, p. 112.

e que poderiam, até mesmo, agir como agentes de reforço mútuo. Estamos diante de uma forte tentação dualista que tenta separar a *vida* do *culto*. Mas o culto deveria funcionar como se fosse uma retroalimentação dos fiéis que os modelariam e os levariam a uma prática alternativa no “mundo real”. Somos necessariamente levados a concluir que a prática do bem, da retidão e da justiça era a expressão fundamental do compromisso com Javé. De acordo com Vitório⁹: “o padrão de conduta baseado na vontade divina estava calcado nas relações interpessoais fundadas na misericórdia e na justiça, mais do que em práticas cultuais. O cultural ocupava lugar secundário quando se tratava de agir corretamente em relação ao semelhante”.

A situação descrita por Amós é a de indivíduos que durante o dia exploravam as pessoas e, mais tarde, se refugiavam no templo. Pessoas que desejavam estar próximas de Javé contanto que pudessem estar distantes de todos os outros que eram diariamente violentados por eles mesmos. Todavia, poderíamos afirmar que não há como ter comunhão com Javé e ao mesmo tempo oprimir as pessoas; não há comunhão vertical quando não há comunhão horizontal; e seria impensável amar a Deus que não vemos e negligenciarmos aqueles que vemos. Uma das mais belas peças teológicas dos profetas pode muito bem ser assim resumida: não há conhecimento de Deus quando não há comunhão, solidariedade e atos de misericórdia com os mais pobres.

Nos mais variados textos proféticos é possível perceber com clareza a decadência da fé em Israel. Uma decadência não originada da falta de “fé”, mas, sim, por falta de foco em se observar a relação intrínseca e inevitável entre celebração da vida e celebração de Javé. Todavia, os atos formais do culto por mais performáticos que pudessem ser não mais davam qualquer sinal de que ali se adorava a Javé. Gerstenberger¹⁰ ratifica que na época dos profetas “crítica social e crítica ao culto andavam de mãos dadas”. A questão de fundo dos profetas não era a reforma pura e simples da liturgia que ocorria nas celebrações no templo. Não se tratava de reforma e muito menos de uma crítica ao modelo litúrgico. O que se condenava de maneira contundente era a falta de vínculo que existia entre celebração e vida, isto é, pensava-se que Javé pudesse ser subornado e comprado com rituais grandiloquentes e, além disso, que Javé pudesse estar do lado deles, mesmo quando a violência e a opressão se faziam presentes na ordem do dia.

Os profetas, nesse sentido, demonstravam uma profunda convicção de que a celebração religiosa não podia ser separada da vida. Seria impensável e, até mesmo, impossível buscar a Deus sem reconhecer a necessidade imperativa de

9. VITÓRIO, J. Nas sendas do direito e da justiça. Educação para uma vida ética no profetismo bíblico. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 113, 2012, p. 26.

10. GERSTENBERGER, E. *Teologias no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 233.

praticar a justiça em todas as relações humanas. A violação do direito inalienável do ser humano é antes de tudo uma violação do próprio Deus. Trata-se de um crime contra Javé, o autor e protetor da vida. Afinal, ao suprimir o direito do pobre “sua existência em si está ameaçada”¹¹. Não se tratava, portanto, de ações dos poderosos que ameaçam somente a propriedade, em jogo está a própria vida dos oprimidos.

Isaías e Jeremias juntam-se a Amós para nos dizer que Javé estava cansado do culto que parte da população fazia porque havia iniquidade associada ao ajuntamento solene (Is 1,11-13). Liturgia e vida deveriam ser visualizadas simetricamente, isto é, toda vida deveria ser percebida como cúlta. Amós, por sua vez, usa palavras realmente fortes para demonstrar a desaprovação relativamente ao culto: aborreço, desprezo, não me deleito, não me agradarei, nem atentarei, afasta de mim o estrépito, não ouvirei (5,21-23). Impressiona a força das palavras e como todas elas nos levam a pensar que a prática da justiça e do direito deve preceder o ritual religioso. Os rituais por mais pomposos que possam ser não substituem a prática da justiça. Aqueles dentre o povo que percorriam os caminhos até aos santuários poderiam ser descritos da seguinte forma:

[...] eles iam ao templo, mas a vida não era transformada; cantavam, mas não adoravam; corriam a Guilgal, mas não deixavam correr os ribeiros de justiça e de retidão. Não havia conexão entre religião e vida. Eles eram liturgicamente avivados, mas eticamente reprovados; tinham carisma, mas não caráter; cantavam bonito no templo, mas viviam de forma horrenda aos olhos de Deus; diziam amar a Deus, mas oprimiam o próximo¹².

A celebração da vida não apenas precede o ritual religioso bem como o ratifica. Mazzarolo segue igualmente pelo mesmo caminho ao dizer: “Deus não quer em primeiro lugar um culto dirigido a Ele, muitas vezes como desculpa para a conduta injusta de vida; Ele quer, sim, uma vida nova que espalhe sua própria justiça. A exigência de Deus, portanto, é para que homens e mulheres se convertam da relação de desigualdade para uma relação social justa e igualitária, através da partilha de um sistema econômico onde os bens são distribuídos de tal maneira que gerem vida para todos”¹³. Todavia, o contrário por mais sugestivo que possa ser e parecer, não expressa nem de perto a mesma e necessária verdade da teologia bíblica do Antigo Testamento. Javé procura misericórdia, e não culto, por mais belo que ele possa ser.

11. SCHWANTES, M. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos, 2013, p. 100.

12. LOPES, Amós, p. 135.

13. MAZZAROLO, I. *O clamor dos profetas ao Deus da justiça e misericórdia*. São Paulo: Mazzarolo Editor, 2005.

5. Uma Igreja profética e misericordiosa com os pobres

Vivemos num tempo em que é praticamente impossível não ser envolvido com a exploração do pobre no mundo. No entanto, a solidariedade é uma palavra que assume contornos de arcaico e de raridade. Esquecemo-nos com muita facilidade que a medida de uma sociedade plenamente humana reside justamente na vida de seu povo pobre. Uma sociedade em que falta o cuidado pelo vulnerável/pobre é, significativamente, uma sociedade desumana e desumanizadora. A opressão do fraco pelo forte há de se tornar na literatura profética um sinal incontestável da negação de Deus. Nesse sentido, a negação de Deus não passaria pela confissão religiosa, mas, sim, pela negação de gestos de solidariedade e de proteção em relação aos mais fracos.

É inevitável pensarmos o papel de uma Igreja profética em meio a essa situação. Quero me valer de um belíssimo texto de Bonino¹⁴ por causa de sua fluidez e exemplaridade e que reafirma que a autenticidade da mensagem evangélica está, de fato, ligada à maneira pela qual ela se relaciona com o tema da pobreza:

[...] a Igreja não se identifica a si mesma entre os pobres. Reconhece os pobres como uma parte muito importante do mundo, mas a Igreja não se reconhece a si mesma entre os pobres e os pobres não reconhecem a presença de Cristo na Igreja. Esta é uma situação de identidade perdida, de autoalienação para a Igreja. Uma situação em que a Igreja não é totalmente Igreja. E a Igreja que não é a Igreja dos pobres coloca em séria suspeita seu caráter eclesialístico.

Bibliografia

BONINO, J.M. The Struggle of the Poor and Church. *The Ecumenical Review*, Oxford, v. 27, n. 1, p. 36-43, jan. 1975.

BLANK, R.J. O Deus que desafia seu próprio culto. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 10, p. 33-47, 2002.

BRUEGGEMANN, W. *Teología del Antiguo Testamento*. Salamanca: Sígueme, 2007.

EPSZTEIN, L. *A justiça social no Antigo Oriente Próximo e o povo da Bíblia*. São Paulo: Paulinas, 1990.

GERSTENBERGER, E. *Teologias no Antigo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal, 2007.

GUTIÉRREZ, G. *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1973.

14. BONINO, J.M. The Struggle of the Poor and Church. *The Ecumenical Review*, Oxford, v. 27, n. 1, jan.1975, p. 43.

LOPES, H.D. *Amós: um clamor pela justiça social*. São Paulo: Hagnos, 2007.

MAZZAROLO, I. *O clamor dos profetas ao Deus da justiça e misericórdia*. São Paulo: Mazzarolo Editor, 2005.

SCHWANTES, M. *O direito dos pobres*. São Leopoldo: Oikos, 2013.

SICRE, J.L. *A justiça social nos profetas*. São Paulo: Paulinas, 1990.

STÖGER, A. *El Evangelio segun Lucas*. Barcelona: Herder, 1979, v. 1.

VITÓRIO, J. Nas sendas do direito e da justiça. Educação para uma vida ética no profetismo bíblico. *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 113, p. 23-36, 2012.

Luiz Alexandre Solano Rossi
Rua Amintas de Barros, 59, Apto. 3 – Centro
80060-205 Curitiba, PR
luizalexanderossi@yahoo.com.br